

Casas e Memórias no tempo da pandemia: reinventando o inventário¹

Mary Weinstein²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA

Resumo

Este trabalho apresenta a execução de um projeto de extensão sobre casas e memórias em cidades diversas, desenvolvido no âmbito da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em Vitória da Conquista. Esta etapa corresponde ao desdobramento de uma pesquisa contínua sobre o patrimônio cultural edificado local, numa abordagem também antropológica. É sobretudo um registro inicial do modo de vida e da habitação que se espraia por cidades do interior da Bahia. Com a participação de estudantes, foram coletadas imagens e narrativas de moradores, sobre a casa em que construíram suas vivências e memórias, suas trajetórias de vida. A forma de morar, de lembrar, de descrever, de contar histórias, e, até, de viver na pandemia, estão na coletânea de experiências que se sobrepõem no formato mais simples que um audiovisual pode ter. Cada pequeno dado nos auxilia nesta contextualização sobre o interior da Bahia, território extremamente rico culturalmente. Tanto o projeto de pesquisa, quanto o de extensão, estão calcados na consideração de que o trabalho de testemunhar, que também é próprio do jornalismo, pode associar entendimentos que extrapolam a área, estabelecendo aí uma relação interdisciplinar e intercultural que envolve o patrimônio, a memória e a cidade.

Palavras-chave

Cidades; Narrativas; Casas; Interior da Bahia; Jornalismo.

“É o uso que fazemos de uma pilha de tijolos que faz disso uma “casa”; e o que sentimos, pensamos ou dizemos a respeito dela é o que faz dessa ‘casa’ um ‘lar’. Em outra parte ainda, nós concedemos sentido às coisas da forma como as representamos - as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que delas criamos, as emoções que associamos a elas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, enfim, os valores que nelas embutimos.”

Stuart Hall

--

O trabalho *A moradia no interior da Bahia*, que compõe a Parte II do Projeto de Extensão *Casas e Memórias: um pequeno inventário de edificações e narrativas*, teria sido desenvolvido de forma eminentemente presencial. Assim foi com a Parte I, executada em 2017, quando foi produzido um audiovisual sobre uma seleção de casas da

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Cultura e Sociedade (Ufba) e professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (Uesb) e do Programa de Pós-Graduação em Museologia (Ufba).

zona urbana de Vitória da Conquista que, conforme pesquisas sobre cidade, memória e patrimônio cultural, não deveriam sucumbir à especulação imobiliária, ou seja, precisariam ser preservadas contra a demolição ou a alteração de seus aspectos construtivos, para evitar a perda dessas edificações como testemunhos de outras épocas. Com a pandemia provocada pelo vírus Covid 19, oficialmente reconhecida a partir de março de 2020, o projeto de extensão, então em sua nova edição, foi repensado para que pudesse acontecer, mesmo com todas as limitações impostas pelos protocolos de segurança, aos quais a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb) incorporou e colocou como requisito para o seu funcionamento.

O que poderia prejudicar a continuidade da pesquisa e execução do projeto de extensão *Casas e Memórias*, que em sua Parte II de novo estaria restrito à mesma cidade da Parte I, serviu para que uma nova perspectiva fosse desenhada e com que a empreitada ganhasse novos rumos e significados, ratificando a proposta e as possibilidades do trinômio ensino, pesquisa e extensão, que foram integralmente realizadas. O novo planejamento foi trazido para a sala de aula de ensino remoto, para ser executado por 65 alunos de duas turmas da disciplina Comunicação e Cultura Contemporânea, do Curso de Comunicação/Jornalismo da Uesb, no segundo semestre de 2020. Com poucos recursos disponíveis, as tecnologias do cotidiano de cada um dos participantes – especialmente, o telefone celular - foram utilizadas em favor dos objetivos delineados no projeto. O resultado descortinou uma inédita expansão do nosso horizonte de expectativa conceitual e empírico.

O trabalho coletou imagens e narrativas que compunham ambientes pela primeira vez midiáticos, formulando um universo contrário ao que se costuma encontrar nas diversas telas da contemporaneidade. Identificamos neste cotidiano o falar pausado, as imagens bucólicas, as descrições das necessidades mais simples, a partir de breves relatos sobre a casa em que se vive, feitos pelos próprios moradores.

Conforme Park (1967, p.32), “a cidade está enraizada nos hábitos e costumes das pessoas que as habitam. A consequência é que a cidade possui uma organização moral bem como uma organização física, e estas duas interagem mutuamente de modos característicos”, moldando uma a outra. Daí a propriedade da ocasião e da proposta em que pudemos estar atentos a uma diversidade de cidades situadas em outros territórios demarcados pela geografia e diferentes daquele previsto.

Percorremos, por meio do que foi prospectado e coletado pelos alunos, as cidades de pequeno e médio porte observando edificações, para identificar momentos e questões socioambientais que poderiam nos fornecer informações a respeito da comunidade que habita ali no lugar e do modo como se vive e se convive nelas, reunindo ainda outros tantos dados refletidos pela forma de morar, de lembrar, de descrever, de contar histórias, e, até, de viver na pandemia. Cada pequeno dado imagético ou textual serviu para auxiliar esta contextualização sobre o interior da Bahia, que é, sem dúvida, um território tão rico de cultura. Não buscamos a cultura institucionalizada ou reconhecida formalmente, mas sim as que se configuram a partir do cotidiano de cada um, misturando uma diversidade de influências, inclusive as da indústria cultural que invariavelmente também se impõe nesses contextos. Isto porque é necessário ver de forma abrangente o conteúdo a ser socializado pelos meios de comunicação de massa que é a primeira possibilidade de troca comunicacional entre estratos diversos da sociedade (MARTÍN-BARBERO, 2009). Acontece, também, que o papel da prática antropológica envolve a observação da *interculturalidade* e da interação, buscando “entender a imbricação do econômico e do simbólico a partir da diversidade de comportamentos e representações” (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 143).

Aproveitando a volta e a permanência de muitos estudantes em suas cidades, por causa da pandemia, fizemos o registro do modo de vida e dos costumes em localidades nem sempre alcançadas pelas mídias e documentações mais comuns. Como o mundo é dinâmico em seus processos de aquisições, subtrações e mudanças em geral, o registro audiovisual de um momento, associado a um local, torna-se uma representação valiosa da cultura. Nesta experiência, o lado humano que desponta por meio da fala do sujeito torna-se central. O contar sobre a própria vida é uma forma de confiar, de trocar e de se expor generosamente, para compartilhar algo importante e com potencial para contribuir com o entendimento e o conhecimento do outro.

O nosso objetivo era produzir um breve registro da tipologia de moradias encontradas em cidades do interior da Bahia, com as histórias contidas em cada uma delas e a partir do olhar dos próprios moradores que, assim, fixam uma memória e compartilham o seu jeito de viver, diverso em suas particularidades e que se diferenciam, a depender do território e de outras aquisições socioculturais. Queríamos viver o interior da Bahia, produzir um conjunto audiovisual como resultado de um projeto sobre casas e pessoas e nos iniciarmos na prática da entrevista e da produção

de documentos audiovisuais, ao tempo em que poderíamos começar a reunir material para compor um mapeamento, ainda que insipiente, sobre a forma de viver em diversas localidades baianas.

1. O modo de fazer que mudou

A produção de imagens e entrevistas, gravadas de diversas formas, a depender da disposição e da disponibilidade do entrevistado e do entrevistador, fez com que elaborássemos o pequeno inventário que colocamos disponível para o público que desejar visitar esses moradores de forma remota. Os relatos imagéticos, acompanhados pela prosa dos entrevistados, podem ser vistos nas redes sociais You Tube³, Instagram⁴ e Facebook⁵. A partir dessas veiculações, possibilitamos a presença da interatividade tão comum a esses meios.

Em vez de o trabalho permanecer territorializado em Vitória da Conquista em sua fase de produção, como na primeira edição do projeto *Casas e Memórias: pequeno inventário de edificações e narrativas*, a coleta do material para o audiovisual *A moradia no interior da Bahia*, correspondente à Parte II, foi distribuída pelos municípios de origem ou de moradia dos estudantes, que retornaram às suas casas durante a pandemia, onde eles puderam gravar entrevistas e imagens sem risco de exceder os protocolos de segurança que os protegeriam contra o vírus. Reunimos imagens e mais de 45 entrevistas gravadas em 11 dos 417 municípios do Estado da Bahia.

Os constrangimentos metodológicos para a execução das gravações foram assim estipulados: 1) Gravar a fachada de uma casa, nas cercanias de onde mora o estudante ou da sua própria; 2) Gravar com o celular na horizontal, em ângulo frontal, em posicionamento perpendicular em relação à fachada da casa, enquadrando-a integralmente e com "moldura" para que o contexto em que ela se insere pudesse ser minimamente observado; 3) Manter o celular fixo (Ver Foto 1) para que o objeto gravado apareça estável, sem movimento, nem solavancos; 4) Gravar o discurso em áudio e imagem com o celular a no mínimo dois metros de distância; 5) A fala do morador deve ser sobre a casa, sobre quem mora nela, suas histórias, suas emoções,

³ Endereços de acesso pelo You Tube:

https://www.youtube.com/watch?v=guyFZLE0Pag&ab_channel=Labo.deTeleUesb,
https://www.youtube.com/watch?v=HHfX-v1BXZo&ab_channel=Labo.deTeleUesb

⁴ Endereço de acesso pelo Instagram: https://www.instagram.com/a_moradia_no_interior_da_bahia/

⁵ Endereço de acesso pelo Facebook: <https://www.facebook.com/amoradianointeriordabahia>

suas experiências, seus afetos; 6) Só interromper a entrevista, se fosse necessário redirecionar o conteúdo ou por questões técnicas.

Foto 1: Estudante firma imagem com recursos domésticos



Foto: Laura Maria Soares, Projeto de Extensão Casas e Memórias.

Observando-se esses constrangimentos metodológicos relacionados acima, foi produzido o registro audiovisual a partir de cada gravação e o resultado, apesar de pontual, foi uma amostra do modo de vida e da habitação existentes em diversas localidades do interior da Bahia. A seguir, as cidades onde foram gravadas as imagens e entrevistas que compõem o audiovisual e a distância delas em relação à capital do Estado: Guanambi, a 671 kms de Salvador; Anagé, a 540 kms de Salvador; Iguai, a 540 kms de Salvador; Cândido Salles, a 603kms de Salvador; Gandu, a 296 kms de Salvador; Itapetinga, a 577,5 km de Salvador; Morpará, a 705 kms de Salvador; Poções,

a 450 kms de Salvador; Feira de Santana, a 116 kms de Salvador: Bom Jesus da Lapa, a 778 kms de Salvador; e Barra do Choça, a 507 kms de Salvador.

Para os estudantes envolvidos, gravar entrevistas e imagens foi uma experiência de produção diversa aos resultados comumente praticados e exibidos comercialmente. Para eles, a proposta experimental incluiu o reconhecimento de um lugar, da sua comunidade e das diferenças que são reais entre esses contextos e outras matrizes culturais, que são facilmente encontradas na mídia, em forma de ficção ou no próprio jornalismo. Nos telejornais, que também são produções com imagens e textos associados, as comunidades periféricas são mencionadas ou retratadas, na maioria das vezes, em decorrência de acontecimentos inusitados ou extraordinários, muitas vezes um crime, uma iniciativa que responde a uma necessidade ou prestação de auxílio, a uma safra da agricultura etc.

Difícilmente, o cotidiano da cultura do interior é integrado aos telejornais para além da região jornalística (SANTOS, 2008) e geográfica em que está inserido. Assim é, também, o padrão metodológico de produzir reportagens, sempre com a estrutura ditada pelos canais comerciais em que o *off*, a passagem e as sonoras seguem um roteiro consolidado, com exceções apenas em raros arroubos experimentais de repórteres, que podem operar como proponentes (MCCOMBS, 1998) e que invariavelmente têm papel central na produção jornalística. O repórter reproduz uma narrativa à qual reformata ou que é recolocada no invólucro exigido pela emissora, cujos constrangimentos (DALMONTE, 2009) são bem definidos.

O projeto contou com contribuições de duas bolsistas, graças ao apoio financeiro da Universidade. Conforme os depoimentos em seus relatórios, durante o processo, elas aproveitaram para conhecer mais sobre o jornalismo e para apreenderem que a prática pode não ter limites, extrapolando inclusive restrições internas e contrárias aos destinos usualmente almejados. Elas perceberam e identificaram o objetivo do Projeto e valorizaram a vivência que passaram a ter:

Durante o desenvolvimento do trabalho executamos várias atividades relacionadas à produção do audiovisual. Desde o estudo do tema e fontes do projeto, edição dos textos de apresentação, edição de vídeos das moradias e seus moradores, dentre outras atribuições que surgiram ao longo da execução do projeto, e que contribuíram para o desenvolvimento de competências úteis para a prática jornalística. O projeto devolve para a sociedade um retrato das moradias no interior da Bahia e as narrativas dos que moram nessa região, em um

audiovisual em que eles mesmos contam suas histórias, agendando testemunhos que não proliferam na mídia convencional.

Leiane Oliveira, bolsista, discente do Curso de Jornalismo - Uesb.

Participar do projeto foi uma oportunidade de ampliar a pesquisa sobre a diversidade cultural existente, e entender um pouco mais sobre a realidade de cada um. Pude conhecer mais de 20 histórias sobre diversas pessoas e foi enriquecedor fazer jornalismo dessa forma. Que existam mais projetos assim, que incentivem o discente a ter contato de forma prática com o que é estudado em sala de aula.

Leticia Portela, bolsista, discente do Curso de Jornalismo - Uesb.

2. A forma de contar e lembrar - descrições dos espaços e de experiências

Longe das readequações descritas por Virílio (1993) sobre as cidades, no início do século passado, quando se reprogramavam os ambientes para que se pudessem lidar com limitações típicas da época, as quais foram ampliadas com o passar das décadas, o cenário exposto pelo Projeto, por meio de registros audiovisuais artesanais, solitários, feitos por estudantes isolados socialmente, foi a casa. Desta vez, a seleção recaiu sobre aquelas habitações que fogem aos padrões já vistos ou já classificados em seus estilos, ou ainda que são recorrentemente midiaticizados por serem modismos próprios das cidades grandes ou centros urbanos maiores que as 11 localidades que integram o trabalho em questão. Buscamos valorizar o imóvel que de todo o modo é testemunho do lugar e de sua história, entendendo que a percepção de patrimônio não exclui o que é local, englobando o “bem destinado ao usufruto de uma comunidade” (CHOAY, 2001, p.11), que pode servir e ser salvaguardado para o fruir e para manter a memória (HALBWACHS, 2006). Ponderamos, também, sobre o entendimento de Santos (2001, p.62) de que a configuração territorial é “cada vez mais o resultado de uma produção histórica e tende a uma negação da natureza natural, substituindo-a por uma natureza inteiramente humanizada”, para nos aproximarmos ainda mais do objeto aqui proposto.

Simmel (2005) explica que o homem distingue as situações e que sua consciência se afina ao confrontar o antes com o agora. O que persiste e é uma rotina mental e de hábitos, segundo ele, contribui para um entendimento que tem menos impacto e que se ressentido ao encontro do que é brusco ou novo para sua percepção, o que acontece especialmente nas cidades grandes em que as impressões se impõem frequente e aleatoriamente, sem o controle do sujeito que se depara com elas. E define:

Na medida em que a cidade grande cria precisamente essas condições psicológicas – a cada saída à rua, com a velocidade e as variedades da vida

econômica, profissional e social -, ela propicia já nos fundamentos sensíveis da vida anímica, no quantum da consciência que ela nos exige em virtude da nossa organização enquanto seres que operam distinções, uma oposição profunda com relação à cidade pequena ou à vida no campo, com ritmo mais lento e mais habitual que corre mais uniformemente de sua imagem sensível-espiritual de vida. Com isso se compreende sobretudo o caráter intelectualista da vida anímica do habitante da cidade grande, frente ao habitante da cidade pequena, que é antes baseado no ânimo e nas relações pautadas pelos sentimentos (SIMMEL, 2005, p.578).

O desenvolvimento da análise de Simmel se torna claro porque consideramos a expressão dos moradores, de suas moradas e do que foi contado sobre elas. As descrições são repletas de sentimento e simplicidade, nos mostrando a propriedade do que se pronuncia a cada exposição. O jeito de falar tranquilo, sem hesitações, sem titubeios, apenas contando uma história, exhibe bem esse outro lado, o lado oposto ao das cidades grandes, constatado em várias das entrevistas produzidas e executadas pelos pesquisadores/estudantes em formação. A partir das entrevistas e de outras informações coletadas, foram redigidos textos que descrevem a morada, descrevendo o que a edificação tem fisicamente, em alguns casos, e imaterialmente quando o assunto é o valor simbólico que cada imóvel tem para o seu morador, quase sempre proprietário que o construiu com sacrifício e pessoalmente.

“Por toda a casa é possível notar alguns improvisos que a falta de dinheiro causou, mas que a criatividade supriu: tábuas e blocos que viraram estante, suporte de máquina de costura que ganhou um tampo de vidro e virou uma mesinha. Tudo no seu lugar, organizado com zelo. Anexo à casa, o ateliê de Tia Sol, onde passei boa parte de minha infância revirando os retalhos e enchendo a paciência da costureira que só queria um pouco de paz para continuar seu trabalho. Sem contar sobre quando eu mexia nas máquinas de costura e desregulava tudo. Ou sobre quando eu sentava na mesa desse quarto folheando e bagunçando os cadernos em que Tia Sol desenhava os croquis com toda sabedoria de quem nunca pisou numa faculdade de moda nem em uma aula de corte e costura, porque aprendeu com a vida. Enfim... uma casa de muito aconchego onde cabe todo o mundo e onde muito do que sou mora também lá”.

Excerto de entrevista de Fernanda Araújo Dias Mendes Xavier, sobre a casa em que mora, em Guanambi.

Quente, desvalorizada e “parada no tempo”. Quem nasce e cresce em Iguai se recusa a morrer em outro lugar. Logo na entrada do município, depois de um longo caminho de favela e mata, você pode ver Dona Iraci, sempre na janela. Ela mora logo no começo da cidade, em sua casa de pedra, telhado inclinado e cheia de histórias. Pode perguntar a quem quiser, qualquer um conhece Dona Iraci – ou um dos oito filhos que ela criou sozinha. Uma mulher que viu Iguai deixar de ser fazenda e se tornar cidade. Ela nem sabe quando nasceu, não sabe a idade dos filhos, e nem fazer uma ligação pelo telefone. Mas sabe exatamente qual planta arrancar do quintal pra curar qualquer doença. Uma mulher endurecida pela vida.

Nem todas as avós cumprem o estereótipo de doce e amorosa e, é preciso reconhecer, todos os jeitos dela são o que a mantêm de pé.

Texto de Naiele Lopes sobre a casa de Iraci Lopes, sua avó, em Iguai.

Em seu quintal, há dois canteiros, localizados nas extremidades do espaço. A minha avó, já falecida, decidiu plantar algumas mudas e hoje são grandes plantas e trazem um colorido a mais para a área. Citei essa parte da casa em especial porque é a que considero mais bonita, mas no geral, o local tem seis cômodos. Hoje em dia, a casa está alugada para outra pessoa, porém, pelo menos a nós da família, o espaço ainda é repleto de memórias que não se perderam de maneira alguma mesmo com algumas alterações que foram feitas na estrutura da residência. A pessoa entrevistada no vídeo é Mônica Ribeiro, filha da dona da casa alvo do trabalho.

Texto de Filipe Ribeiro, sobre a casa de sua família, em Itapetinga.

Outros textos foram redigidos para servirem de legenda explicativa para cada casa que aparece no audiovisual, por cerca de 16 segundos, tempo suficiente para que todo ele seja lido por quem assiste e para que possa servir como introdução à entrevista que ocorre dentro de casa e é editada com o menor número de cortes possível. Este texto introdutório que apresenta cada edificação é fundamental porque informa ao espectador um pouco do ambiente e do universo sobre o qual ele está adentrando. A ideia era mesmo mostrar a fachada da casa, sem dispensar o movimento que ocorre em frente a ela, sem também eliminar o som existente ali. Então, entre a câmera do celular e o objeto gravado, é possível ver a moto ou o automóvel que passa pela rua, uma pessoa andando, o passarinho cantando, o barulho de motor de carros, as galinhas ciscando, enfim, o movimento natural do entorno da morada, mostrando que ela pertence a aquele lugar que tem ritmo próprio e sons específicos que são como particularidades somente daquele espaço sobre o qual em poucos segundos um entrevistado começará a falar. Na imagem, o tempo passa e é possível notar o que se move em torno da edificação.

A casa avarandada, a 16 kms da cidade, é de meia parede entre os cômodos. O fogão é à lenha e fica dentro de casa. Tem uma cisterna com captação de água da chuva e a luz chegou há uns 12 anos.

Sobre a casa de Firmo Gonçalves Soares e Genivaldo Moreira Soares, na Fazenda Baêta, Distrito de Ipuacu, Feira de Santana.

Nesta casa, moram cinco pessoas, mas já moraram outras seis de gerações diferentes. Primeiro Dona Julia, com os filhos Edinelia, Marlene, Magnólia, Rosângela e Marcos. Depois, só ficou Dona Julia com Rosângela e o marido dela, Marcio, e as netas Renata e Raiana. Também, moraram gatos e cachorros, e uma vez foram sete cachorros de uma vez só. O terreno é grande, com duas casas e um quintal enorme, onde a família se junta nos fins de semana. Na verdade, o espaço é de muito amor e histórias.

Sobre a casa de Rosângela Batista dos Santos, Vitória da Conquista

Foto 2 – Fachada da casa de Leia Oliveira no município de Cândido Salles



Foto: Leiane Oliveira, Projeto de Extensão Casas e Memórias

A casa que já teve vários donos e todos da mesma família é onde as plantas e os bichinhos são amados e mimados. Leia Oliveira cuida com muito carinho das suculentas e do pequeno pinscher com nome imponente, Hércules. Nesta casa, as pessoas são minoria. Quatro pessoas dividem espaço com dois cachorros, dois gatos, um peixe e dois periquitos. A atmosfera é de alegria e união.
Sobre a morada de Leia Oliveira, em Cândido Salles (Ver Foto 1).

Lene e o esposo moraram durante muitos anos “de aluguel” e finalmente puderam comprar um terreno para a construção do imóvel próprio. Enfrentando muitos desafios para construir, o casal vive nesta residência há seis anos e meio. Esse espaço físico que se constitui como lar é composto por dois quartos, sala, cozinha, banheiro, garagem e área de serviço. Lene diz que se sente realizada em dobro com a conquista da casa própria e o nascimento do filho tão esperado.
Sobre a casa de Leni Pereira, em Gandu.

Esta casa possui quatro quartos, um banheiro, duas salas e cozinha. Fica no centro da cidade, perto do mercado, da escola, da farmácia e da praça principal. O quintal é consideravelmente grande. Nele, há um fogão à lenha, por opção da dona da casa que gosta de fazer feijão nele. No quintal, tem também muitas plantas, incluindo as medicinais, tem flores e um limoeiro.
Sobre a casa de Maria Santos Chagas, em Morpará.

Construída com adobe, em estilo típico de casa do interior, sem muros e espaçosa, é o lar do casal Elzeni e Sinézio desde que se casaram, há 46 anos. Neste pedaço de chão, eles fincaram suas raízes e formaram família. As paredes dessa casa guardam muitas histórias e memórias, sem dúvidas é uma casa bem vivida.
Sobre a casa de Elzeni Viana Soares, em Barra do Choça.

Antes, era tudo mato neste lugar. Ser uma das primeiras moradoras do bairro foi difícil, mas permitiu que a proprietária conhecesse um por um que passou por

aqui. Mesmo a casa não tendo acabamento ou reboco por fora, cumpre com todos os requisitos de quem vive nela ainda que o desejo de reforma permaneça latente. *Sobre a casa de Lidiane Oliveira Dias, em Vitória da Conquista.*

Foto 2 – Fachada da casa de Camila Moreira da Silva, no município de Anagé



Foto: Lucas Nascimento, Projeto de Extensão Casas e Memórias

O intuito de mostrar uma síntese de cada universo que compõe o audiovisual é alcançado por meio da imagem e do texto elaborado e fixo sobre a cena para apresentar cada casa, que por sua vez representa o morador, e que por sua vez conta a sua história. Com este trajeto entre objetos, cria-se o audiovisual com informações precisas, embora fragmentadas, que se tornam pequenas amostras de uma realidade não delimitada.

Considerações finais

O Projeto de Extensão é uma oportunidade de diminuir a distância entre a Universidade e a rua, envolvendo nesta relação estudantes e a comunidade em geral. O presente projeto *Casas e Memórias: pequeno inventário de narrativas e edificações* traz imagens e textos coletados em municípios do interior do Estado da Bahia compondo um universo peculiar e propondo a socialização de um acervo de cenas reais e incomuns para quem vive as capitais ou cidades maiores, e que só é possível presenciar vencendo distâncias em um estado com mais de 567 mil quilômetros quadrados de área.

A experiência, que contou com poucos recursos, teve a contribuição de 65 alunos de duas turmas de uma mesma disciplina, Comunicação e Cultura Contemporânea, do Curso de Comunicação/Jornalismo da Uesb. As participações variaram de acordo com as condições de cada aluno: ter um celular, encontrar pessoas interessadas e disponíveis em colaborar com o projeto, poder efetuar entrevistas e imagens minimamente com qualidade técnica e obedecendo aos parâmetros definidos.

O universo que se abriu com esta experiência é amplo e denota a necessidade de que outras abordagens sejam feitas para que as diversas realidades sejam ilustradas com as próprias narrativas e para que possam dar margem a novas reflexões. Sobretudo, é importante incentivar que o estudante se reconheça em suas realidade, valorizando-a e considerando a condição de cultura que tem o lugar onde mora.

Referências bibliográficas

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. Tradução: Luciano Vieira Machado. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

DALMONTE, E F. **Pensar o discurso no webjornalismo: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência**. Salvador: Edufba, 2009.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos Meios às Mediações: Comunicação, culturas e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MCCOMBS, M. **A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública**. Tradução: Jacques Wainberg. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PARK, R. E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. pp. 29-72.

SANTOS, M. Classificação funcional dos jornais brasileiros. As regiões jornalísticas In: TAVARES, L. G. (Org.). **Apontamentos para a história da imprensa na Bahia**. 2ª ed. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2008. p. 177-184.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SIMMEL, G. **As grandes cidades e a vida do espírito (1903)**. Mana vol.11 nº 2 Rio de Janeiro, 2005. pp. 577 - 591.

VIRÍLIO, P. **O espaço crítico**. Trad.: Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.